

# Monumento

Sara  
Figueiredo  
Costa

Ana  
Seia de  
Matos





No largo da aldeia, o cruzeiro é um património. Se for antigo, se tiver data, se houver uma história relevante e documentada a ele associada, talvez seja um monumento, com direito a classificação publicada em Diário da República, mas será sempre património.

Uma igreja antiga é um monumento, esteja ela quase arruinada (como há tantas) ou bem preservada. A partir de que ano de construção deixa uma igreja de ser um monumento? E um templo que não seja igreja, num país laico e maioritariamente católico, é monumento? Sinagoga Ets Haim, em Angra do Heroísmo, construída no século XIX, cujo edifício ainda existe, não classificada. Mesquita de Lisboa, com cúpula azul e minaretes, em pleno funcionamento, não classificada.

No século XII, Benedito, um cónego da igreja de São Pedro, em Roma, escreve o primeiro guia dos monumentos da cidade. Para ele, eram monumentos pagãos, e ainda assim sentiu a importância de os listar. *Mirabilis Urbis Romae* era também uma espécie de monumento, erguendo para a memória futura aquilo que os antigos haviam construído. Mas Benedito, como os seus contemporâneos, não via nos monumentos antigos essa distância veneranda que hoje lhes atribuímos. A Roma imperial ainda estava perto e a preservação de tais construções era, muitas vezes, uma reutilização: templos que passavam a ser igrejas, memoriais que ajudavam a suportar novas casas, pedras com um sentido que se desvanecia a servirem de alicerces para currais, lojas, palácios.

Para os que vieram depois da Antiguidade e para ela se voltaram, descobrindo-a numa Idade Média que foi menos das trevas do que se conta, o monumento era a escrita. As pedras com marcas da Grécia e de Roma misturavam-se facilmente com as novas pedras. Para além disso, esboroavam-se, usavam-se para fazer acrescentos e remates, perdiam-se. O que estava escrito, isso sim, prosseguia de pé.

Com os primeiros fulgores do Renascimento, os monumentos antigos ganharam vida nessa procura de um passado capaz de iluminar o presente. As pedras erguidas pelos antigos passaram a ser monumentos por direito próprio, vestígios do que já tinha sido, sinais para uma memória a manter.



Quando restauramos um monumento que se degrada ou ameaça ruína, o que obtemos depois do restauro ainda é esse monumento ou é já outra coisa?

Talvez os monumentos não sejam todos construções e é bem possível que alguns nunca tenham existido a não ser na imaginação, individual e colectiva. Um escudo poderia ser património, objecto histórico, documento, mas o escudo de Aquiles criado por Homero (e Homero, quem o criou?) só existe nos versos que a *Ilíada* preservou. Nele se guarda o mundo, ainda hoje – guerra e paz, vida e morte, luz e sombra, desejo e tédio.

Na lista de monumentos que hoje vale, com caução da UNESCO ou de outra instituição, há construções que talvez não quisessem lembrar nada nem ninguém. A sua função era utilitária, como aqueles monumentos megalíticos que serviam, na verdade, para observar e tentar compreender o movimento dos astros, ou as termas de Caracalla, em Roma, que eram o lugar onde se tomava banho e se cuidava do corpo.

Às vezes, acontece um monumento seguir as regras da sua própria semântica, nascendo como construção para lembrar algo ou alguém, e acabar na memória popular como elemento hilariante, brejeiro ou desprestigiante: em Macau, uma enorme escultura instalada rotunda assinalou, em 1996, o Dia de Portugal e quis simbolizar os laços entre Oriente e Ocidente, mas toda a gente a conhece como "olho do cu". E ainda assim é um monumento.



Os monumentos constroem-se para o futuro, num gesto que exprime vontade de fazer recordar um determinado presente. Lembrar e recordar pertencem à sua semântica, misturando grego e latim num significado comum. O paradoxo parece ser o seguinte: a partir do momento da sua edificação, um monumento é já passado e o mesmo acontece com aquilo que nos quer fazer lembrar. Talvez não haja paradoxo nenhum e seja apenas essa a natureza do tempo, sobrepôr tudo sem cronologia, deixando-nos com a urgência de inventar uma para melhor nos compreendermos.

texto **Sara Figueiredo Costa**  
criações gráficas **Ana Seia de Matos**

**Glossário.**

*Glossário* é um projeto de mediação de base artística e criativa, a partir de conceitos nos domínios da Arte, Património Cultural e Espaço Público, numa lógica multidisciplinar. Pretende, através da intervenção simulada por via de objetos visuais, desenvolver diálogos acerca do património cultural e artístico no espaço público.

coordenação geral **Rui Macário**  
coordenação científica **Liliana Castilho**

coordenação gráfica **Luís Belo**  
ISSN 2975-8971

produção

apoio

